

## **A plataformização e a escola: temporalidades a partir de Milton Santos<sup>1</sup>**

Marcelo Augusto Pereira dos SANTOS<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Em uma abordagem teórica, estabelecemos uma relação entre as temporalidades da plataformização e da escola, utilizando conceitos do geógrafo Milton Santos, tais como espaço geográfico, meio técnico-informacional e psicofera/tecnosfera. A partir da análise da influência da tecnologia na sociedade, concretizada pela plataformização, discutimos como a escola pode se adequar a essa nova realidade sem perder sua tradição e capacidade reflexiva. Apontamos que a plataformização da sociedade tensiona a temporalidade da escola, desafiando-a a encontrar um equilíbrio entre cativar adolescentes e jovens, imersos em um tempo acelerado, e manter a tradição da reflexividade e do diálogo para a construção de aprendizagens significativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** plataformização; escola; temporalidade; comunicação; educação

### **Epígrafes**

Iniciamos com duas frases. A primeira é de Paulo Freire, ele declara: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade” (FREIRE, 1996, p. 50). A segunda é uma citação do cientista da computação Jaron Lanier, que afirma: “Não podemos ter uma sociedade na qual, se duas pessoas desejam se comunicar, a única forma de isso acontecer seja pelo financiamento de uma terceira pessoa que deseja manipulá-las” (LANIER, 2018).

### **Introdução**

A dialogicidade, conforme delineada por Paulo Freire (1996), emerge como um dos conceitos preponderantes quando se aborda a concepção de uma escola emancipadora

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando de Ciências da Comunicação, ECA-USP, e-mail: marcelo\_santos@usp.br

destinada a crianças e adolescentes. Nesse contexto, a premissa subjacente é torná-los protagonistas ativos da sociedade, proporcionando-lhes não apenas uma assimilação do conhecimento socialmente construído pela humanidade, mas uma aprendizagem intrinsecamente significativa e analítico-crítica em relação a esse conhecimento. Essa abordagem se efetiva através do diálogo autêntico e do encontro com os outros. A relevância intrínseca desse conceito reside no fato de que, conforme ressalta Freire (1996, p. 31), “os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença”. Entretanto, dentro desse dinamismo inquisitivo e curioso do diálogo entre indivíduos, quando ocorre em ambiente virtual, em especial, plataformas digitais, também um terceiro sujeito. Como observado por Lanier (2018), sujeito com interesses próprios, muitas vezes inclinado a extrair ganhos da manipulação desse diálogo.

E o que isso tem a ver com temporalidade? Por um lado, a natureza dos sujeitos dialógicos demanda um espaço de tempo para ouvir, expressar, analisar e refletir. Em outras palavras, existe uma intrínseca ritualidade que requer tempo para se desdobrar. Por outro lado, a manipulação do terceiro sujeito nesse diálogo visa minimizar o investimento de tempo, constantemente acelerando a troca e exigindo uma transparência imediata. Como indicado por Byung-Chul Han, tal manipulação busca se conformar ao tempo produtivo, onde a maximização da produção resulta em maior lucratividade: “As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação.” (HAN, 2017, p. 9). Em contrapartida, “rituais e cerimônias, ao contrário, são processos e acontecimentos narrativos, que se esquivam da aceleração” (2018, p. 70). Portanto, o diálogo surge como uma questão temporal problemática para o ideal de lucro.

Integrando essas reflexões à esfera educacional, especificamente ao ambiente escolar, mesmo quando não adota a perspectiva freiriana, é possível perceber que seu cotidiano fundamenta-se em variadas ritualidades que operam em uma cadência mais lenta, desassociada do tempo produtivo

Antes de prosseguirmos, é crucial realizar uma adequação terminológica. Ao mantermos o termo "tempo produtivo" relacionado ao aspecto temporal, estamos essencialmente concordando com a cooptação capitalista que abrange tudo, desde o trabalho até a produção. Pintar um quadro, compor uma música ou engajar-se em um

projeto também pode ser considerado como uso produtivo do tempo, embora não necessariamente ligado à lucratividade. Nesse sentido, a partir de Han (2018), vamos nos referir a um "tempo lucrativo", específico para denotar um tempo que serve às demandas do capital. Com essa distinção esclarecida, continuamos nossa discussão.

Com o avanço cada vez mais acentuado das plataformas e sua habilidade de mobilizar tempos e comportamentos, ajustando tanto as atividades quanto as pessoas ao "tempo lucrativo" através da aceleração social, a escola é confrontada:

Diante deste quadro, fica no ar a pergunta acerca de como as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, famílias, etc., localizam-se frente aos mecanismos de aceleração social, da decisiva dominância dos mediadores tecnocomunicativos, do aparente desconforto resultante do *shrinking of the present*. (CITELLI, 2016a, p. 15)

Todas as instituições escolares são questionadas, independentemente da diversidade e desigualdade que se manifestam no contexto nacional (CITELLI, 2016b, p. 9).

Sob uma perspectiva interdisciplinar que entrelaça Educação e Comunicação, este artigo examina a relação exposta por meio dos conceitos de Milton Santos, amplamente abordados em sua obra seminal *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (2006). Santos conceitua o espaço como um conjunto inextricável de formas e vida, destacando que cada forma encapsula um fragmento da sociedade em constante movimento. Na sua explanação, o autor sublinha a importância de considerar a dimensão local do espaço e suas articulações com a sociedade em um contexto mais amplo. A partir desse entendimento, emergem os conceitos de espaço geográfico, meio técnico-informacional e psicosfera/tecnosfera.

Apresentamos, metodologicamente, uma revisão teórica que interliga conceitos de renomados autores, tais como Byung-Chul Han, Paulo Freire e Adilson Citelli, aos de Milton Santos, com a finalidade de evidenciar a tensão temporal entre plataformas e a escola. Assim sendo, esta não é uma pesquisa aplicada. Complementarmente, não tendo como objetivo a aplicação direta, esta reflexão ilustra como o conjunto de conceitos de Milton Santos se configura como um arcabouço teórico relevante para comunicadores, educadores e educadores discutirem diferentes fenômenos nesta interface, como o aqui discutido, entre plataforma e escola.

Indubitavelmente, o diálogo entre saberes provenientes de distintas áreas do conhecimento se mostra imprescindível. Portanto, anteriormente delineamos um esboço comunicacional para abordar a questão.

### **A necessária abordagem comunicacional**

As Tecnologias Digitais de Informações e Comunicação (TDICs) provocam alterações profundas na forma como as pessoas interagem. Essa transformação repercute em todos os âmbitos da vida: relações interpessoais, dinâmicas familiares, cenário político, economia e esfera profissional. Hoje, tudo converge para a prática comunicativa digitalizada na centralidade da tessitura social:

uma conjuntura social e histórica na qual os diferentes sistemas e processos comunicativos ganharam lugar de centralidade. Equivale dizer: os múltiplos planos e níveis estruturantes da vida social passaram a elaborar os seus fluxos internos tendo como mediadores as possibilidades e mesmo facilidades permitidas pelas redes de computadores, dos dispositivos fixos ou móveis, estejam a eles acoplados adjetivos como velhas ou novas tecnologias. (CITELLI, 2015, p. 64)

Isso impacta as reflexões no campo de pesquisa em Comunicação, como ressaltado por Beth Saad Corrêa:

seria necessário buscarmos uma epistemologia para a comunicação digital, ou mais sensato reconfigurarmos o entendimento epistemológico da Comunicação como um todo a partir das variáveis e contextos decorrentes do enraizamento da digitalização no tecido social? (2015, p. 3)

A partir dessas ponderações, Beth Saad Corrêa (2015) identifica três características da contemporaneidade digital e, ao discorrer sobre elas, situaremos a interconexão entre os conhecimentos. A primeira é a centralidade do fenômeno comunicacional, que instiga a não considerar somente a escola, mas a destacar as plataformas como protagonistas nessa dinâmica, sendo a sua influência sobre a escola o objeto de análise. Essa perspectiva é pertinente em virtude das condições histórico-sociais (LOPES, 2011, p. 138). Diante dessa centralidade, a própria natureza da aprendizagem, muitas vezes limitada no campo educacional, difunde-se:

uma das grandes mudanças que trouxeram as novas tecnologias de informação à educação - e que os meios audiovisuais introduziram, mesmo que nem sempre se reconheça - consistiu precisamente em 'fazer explodir' a aprendizagem (OROZCO GÓMEZ, 2014, p.74)

No presente momento, a plataformização se configura como uma das principais instâncias de socialização (BACCEGA, 2011), amplamente presente no cotidiano,

abrangendo inclusive crianças e adolescentes, uma vez que "86% dos usuários de Internet de 9 a 17 anos possuem perfil em rede social" (NIC.BR, 2022).

A segunda condição apontada por Saad Corrêa, a transversalidade, estabelece o caráter transversal do digital em toda a sociedade, conferindo-lhe a capacidade de ser o ponto central de diálogo entre diferentes saberes e fenômenos. Dessa forma, a questão não consiste em determinar se a escola está ou não conectada, mas em reconhecer que essa indagação perde sua relevância, uma vez que o digital impacta integralmente a realidade social. Por fim, a noção de resiliência almeja sustentar a trama comunicacional, isto é, a interlocução com outras esferas não implica na negação de que o fenômeno seja de natureza comunicativa; pelo contrário, tais interações proporcionam abordagens mais complexas (MORIN, 2021), mantendo a comunicação como elemento central da problemática.

### **Chão da escola**

A escola, incontestavelmente, possui uma localização física específica. O termo *chão da escola* confere à instituição singularidade frente à generalidade, ancorando-a a uma porção do mundo. A última das condições postuladas por Saad Corrêa nos faculta expandir o diálogo de forma horizontal entre diversos campos do conhecimento para abarcar a dimensão espacial. Nesse contexto, faremos uso das reflexões de Milton Santos (1988, 2006) acerca do conceito de espaço, para lançar luz sobre as ponderações acerca do tempo.

Ao abordarmos a escola, embora a concepção já esteja enraizada, referimo-nos genuinamente a essa escola destinada a crianças e adolescentes, à Educação Básica, que abrange desde os bebês até os jovens do Ensino Médio. Evocamos a escola próxima à residência, cujo nome facilmente nos vem à mente, aquela que está na esquina ou próxima à praça, aquela onde você estudou e que, mesmo hoje, se apresenta simultaneamente diferente e igual. A escola constitui um espaço, uma localidade física, utilizada pela comunidade circundante, contendo formas e objetos, vida e emoção; é um espaço geográfico:

O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente, da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra

uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. (SANTOS, 1988, p. 9)

A instituição escolar representa uma parcela da sociedade em constante movimento, orientando-se a tornar-se cada vez mais técnica, onde os "objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional" (SANTOS, 2006, p. 157). Milton Santos considera o espaço geográfico imerso em um meio técnico-científico-informacional.

Adicionamos dois conceitos de Milton Santos, a fim de compreender o espaço com base em objetos técnicos, utilizados nas ações subjetivas humanas que impulsionam a sociedade. Conforme observa o autor, "a tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicofera é a esfera da ação" (SANTOS, 2006, p. 173). Compreendemos que esses dois conceitos contribuem significativamente tanto para a discussão acerca da plataformização da escola, em relação aos objetos técnicos empregados, quanto para a escola como um todo, quando se analisam os comportamentos dos indivíduos. Detalhando, Milton Santos aponta que:

A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio e, desse modo, frequentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicofera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte desse meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas - tecnosfera e psicofera - são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas. (2006, p. 172);

Milton Santos acrescenta, acima, a ideia de localidade em relação à sociedade, que é mais ampla e inclui uma incidência praticamente global. Isso afeta o mundo como um todo, mas é importante ressaltar que o mundo todo consiste em localidades diversas: cantos, centros, rincões, cidades, postos e até mesmo a escola – aquela escola ali na vila, na esquina.

Sobre o termo objeto, vale dizer, segundo Milton Santos, tanto um computador quanto uma escola, uma cidade ou uma hidrelétrica podem ser chamados de objetos. Nesse sentido, entendemos que as plataformas também são objetos.

Em relação ao tempo, conforme colocado pelo autor, "se consideramos o espaço tal como existe em dado momento, como uma realidade objetiva, e o tempo como as ações que nele se vão inserir, então é o tempo que depende do espaço e não o contrário" (SANTOS, 2006, p. 132). A discussão temporal difere para cada tecnosfera e psicofera,

o que justifica a necessidade de definir claramente o conceito de espaço. E, no contexto deste estudo, nosso foco recai sobre o espaço da escola.

### **Plataformização**

Fizemos a opção de intitular esse trecho com o termo "plataformização" com o intuito de abranger uma dupla discussão, tendo a palavra "processo" como ponto de encontro: tanto o processo de plataformização da tecnosfera escolar quanto o processo de manipulação de comportamentos, que se relaciona com a psicofera, alinhando-se com nosso entendimento desse objeto:

As plataformas sociais digitais devem ser entendidas para além da visão cibernética a elas atribuída – um dispositivo agregador de funcionalidades para as atividades em rede nas ambiências digitais. As plataformas sociais digitais são efetivamente um construto atuante e interveniente nas estruturas sociais contemporâneas. (SAAD CORREA, 2020, p. 155)

As plataformas representam o ápice do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2006). Estamos imersos na Sociedade da Plataforma (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018), na qual terceiros sujeitos modelam comportamentos, eliminam rituais e atuam em prol do tempo lucrativo. Diversos autores discutem como a plataformização das estruturas sociais, ou, em nossa abordagem, das tecnosferas/psicoferas, podem ser compreendidas. Dois exemplos relevantes são o colonialismo de dados de Nick Couldry e Ulises A. Mejias (2021), que explora como praticamente toda a nossa vida social gera dados para enriquecer as empresas responsáveis pelas plataformas, tornando-se uma tecnosfera geradora de riqueza por meio da mineração de dados provenientes do uso dos usuários. Outra abordagem é explorada por Byung-Chul Han (2018), que discute o comportamento de enxame, em que indivíduos se reúnem sem formar uma entidade única para ações como o "cancelamento" de um indivíduo dentro das plataformas. Isso se relaciona com a psicofera de uma sociedade, usando uma tecnosfera digitalizada.

Falamos da sociedade, uma visão macro e ampla do fenômeno, mas, como Milton Santos nos lembra, ela se concretiza na localidade. Avançamos para aplicar essas reflexões no contexto da escola.

### **Rituais tradicionais tensionados**

Sempre que discutimos sobre a escola, devemos nos questionar sobre qual educação estamos tratando. No entanto, o discurso crítico da educação encontra-se em

um eterno estado de devir, pois a educação freiriana, progressista, permanece no mesmo lugar onde o Brasil é imaginado como o país do futuro, no horizonte que parece nunca se concretizar. Neste contexto, não pretendemos aqui menosprezar o olhar freiriano enquanto defendemos a educação tradicional é com a visão de Paulo Freire que iniciamos essa reflexão.

Por isso, envolve de todas as escolas, em grande parte ainda marcadas por abordagens enciclopédicas e bancárias, tendo em sua tecnosfera, objetos técnicos arcaicos, como a lousa, giz e elementos contemporâneos, como projeto e celulares. Na psicosfera, também é, em grande parte, caracterizada por práticas hierarquizadas e competitivas. Mas ainda sim preservam uma ritualidade, uma temporalidade distinta. Mesmo que essa ritualidade, por vezes, seja empregada de forma não explícita como um meio de controle das mentes e corpos dos estudantes.

De qualquer forma, a aprendizagem em si, sob uma perspectiva neurológica, requer tempo para se concretizar:

O processo de aprendizagem envolve etapas que se desdobram ao longo do tempo. As pessoas não apenas colecionam lembranças, conhecimentos e habilidades de forma linear e incremental, acumulando lentamente fragmentos de informações em suas mentes, como uma câmera de vídeo registrando imagens e sons. Pelo contrário, a aprendizagem envolve uma miríade de processos que interagem ao longo do tempo, influenciando a maneira como as pessoas dão sentido ao mundo. (National Academies Of Sciences, Engineering, and Medicine, 2018, p. 11, tradução nossa)

Consideramos a escola real que, por meio dessa ritualidade, conserva em sua psicosfera, mesmo que de maneira não intencional, espaço para o diálogo, reflexão e aprendizagem. Não atribuímos destaque a redes de educação com trabalhos reconhecidos ou unidades de destaque com projetos singulares, porque "o desequilíbrio inserido no cerne da alta modernidade entre a rapidez do tempo social, marcado pelas revoluções tecnológicas e pelas transformações nos cursos da vida, e a lentidão das instituições" (CITELLI, 2016a, p. 11) afeta todas as escolas. Todas enfrentam esse desafio temporal:

Os novos configuradores cronotópicos, as migrações entre o real e o virtual, os imperativos tecnológicos, indicam, enfim, a existência de desafios em permanente reatualização [...] Percebe-se, nesse contexto, o caráter imperativo da indagação sobre os novos modos de ser e estar no mundo, movimento que aciona, imediatamente, um conjunto de preocupações afeitas à interface comunicação/ educação. [...] O problema central diz respeito às profundas mudanças culturais e de redefinições quanto aos modos de ver, sentir e aprender que marcam o mundo dos jovens. (CITELLI, 2010, p. 77)



Devemos também considerar os impactos recentes da pandemia de Covid-19, que teve início em 2020 e obrigou os sistemas educacionais a buscarem soluções para continuar funcionando, mesmo que de forma remota. Esse cenário tem sido amplamente e continuamente debatido, sobretudo no que diz respeito aos desafios enfrentados. Há dois pontos de interesse.

Primeiro, não houve o desenvolvimento de novas soluções. Ferramentas como Teams, Google Sala de Aula, Zoom, Padlet, Youtube e outras já existiam, contudo a tecnosfera escolar ainda não havia se apropriado plenamente das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) preexistentes. A pandemia, de maneira abrupta, impulsionou a inserção vertical, principalmente plataformas de gerenciamento pedagógico, sem uma reflexão aprofundada sobre as implicações disso para a psicofera escolar em termos de tempo, espaço e comportamentos.

A discrepância na velocidade entre o tempo lucrativo atual, que dita o funcionamento desses objetos técnicos, e o tempo da escola, também desempenhou um papel no imenso desgaste socioemocional:

O exercício do magistério conheceu súbito rompimento das marcas temporais que acompanhavam a educação presencial. Em consequência, linguagens, ritmos e lógicas comunicacionais cifradas pela rapidez, fragmentação, reduções expressivas, adentraram rapidamente o âmbito da educação formal, trazendo consigo outras temporalidades orientadoras das interações entre docentes e discentes. (MECOM, 2023)

O tempo do ambiente escolar tradicional se esvaiu, entrada, saída, intervalo, para citar alguns, deixando apenas o tempo da plataforma. Isso resultou na alteração da psicofera escolar, em que as relações já não se ancoravam em um referencial de tempo compartilhado por todos. Profissionais e estudantes tiveram que reorganizar suas ações, subjetividades, encontros e conflitos a partir do novo ritmo imposto pelas plataformas.

Por um lado, a pandemia instigou a escola a se integrar às plataformas, e testemunhamos diversas experiências criativas de uso das TDICs. Por outro lado, a imersão repentina de professores e alunos em um ambiente escolar totalmente centrado em plataformas evidenciou de forma marcante as diferenças entre as temporalidades.

É válido ressaltar que no início deste século XXI, uma certa atmosfera de entusiasmo permeava a sociedade, especialmente no âmbito educacional, em relação às potencialidades da internet e de suas redes digitais:

Criou a sensação de existir um demiurgo apto a propiciar aos circuitos telemáticos os arranjos matriciais necessários para garantir, por exemplo, a livre circulação informativa e mesmo um vigoroso controle democrático sobre os jogos de poder exercitados pelas instituições tradicionais. Neste diapasão, movimentos sociais conseguiriam alçar voo próprio investindo de maneira decisiva nos ambientes virtuais, do mesmo modo que a educação seria capaz de levar a termo o circuito formativo dos sujeitos tendo em vista a utilização de plataformas digitais voltadas ao ensino à distância. (CITELLI, 2015, p. 66)

Dessa forma, a escola se via sob pressão, inclusive por parte de seus próprios profissionais, como evidenciado por pesquisas conduzidas por Adilson Citelli com professores (2016a, 2016b), para acelerar através da adoção de tecnologias. Com o impacto da pandemia, a resistência às TDICs, particularmente às plataformas digitais na escola, poderia fortalecer uma resistência mais pronunciada à aceleração. Isso ocorre ao se valer de objetos técnicos tradicionais, como o texto, o livro, a lousa e o caderno, que servem a uma temporalidade distinta.

Não se trata de defender a estagnação da escola no tempo, mas sim de preservar objetos técnicos com diferentes históricos de utilização (SANTOS, 2006) e ações carregadas de diversas ritualidades. Isso representa uma oportunidade para estabelecer espaços de reflexão na escola. É importante reforçar que esse cenário não implica necessariamente em uma aprendizagem crítica ou abordagem dialógica, porém,

A escola como unidade marcada por configuradores institucionais desenvolvidos segundo outra lógica temporal, com os seus ritos e a convivência com o tempo lento, necessário aos processos de (in)formação, sistematização, maturidade reflexiva, vínculos com o conhecimento etc (CITELLI, 2016a, p. 16)

A escola, mesmo mantendo práticas tradicionais, consegue proporcionar um ritmo temporal diferenciado que, de uma maneira ou de outra, desacelera o atual tempo lucrativo. Isso possibilita espaços vazios, momentos de ócio que, no mínimo, oferecem tempo para reflexão das crianças e adolescentes, mesmo que essa pausa não seja intencionalmente dedicada a compreender aquilo que está sendo ensinado. Essa questão é um desafio persistente, um dilema constante. Permanece crucial uma análise contínua de metodologias mais ressonantes (ROSA, 2019), de modo que a reflexividade não seja relegada ao segundo plano.

Nos dias de hoje, ao reavaliar o seu papel, a escola deve explorar sua ritualidade como meio de assegurar a reflexividade (e, por consequência, a aprendizagem), algo que a plataformização, precisamente, busca suprimir (HAN, 2018). A reflexão de Milton Santos sobre a ciência se aplica de maneira notável à escola:

Quando a ciência se deixa claramente cooptar por uma tecnologia cujos objetivos são mais econômicos que sociais, ela se torna tributária dos interesses da produção e dos produtores hegemônicos e renuncia a toda vocação de servir a sociedade. Trata-se de um saber instrumentalizado, onde a metodologia substitui o método. (SANTOS, 1988, p. 7)

A escola sempre foi guiada pelo seu próprio tempo. Apesar de ter adotado o ritmo das fábricas, adaptando-se ao desafio de transformar indivíduos em operários, ao longo do século XX ela foi forjando sua própria temporalidade, especializando-se em utilizá-la para controlar comportamentos e estruturar o conhecimento. Podemos considerar os momentos de recreio, aqueles em que se permite brincar, mesmo que incluam a necessidade de alimentação. Podemos mencionar a organização por séries, que regula o acesso ao conhecimento de acordo com a idade, seguindo as abordagens psicológicas do desenvolvimento, em um esforço para se ajustar ao ritmo de maturação biológica. Essa ritualidade, agora, adquire relevância renovada.

### **Templo da reflexividade, por meio da ritualidade**

Uma discussão mais ontológica poderia nos levar a afirmar que a psicofera escolar está direcionada ao futuro, visto que o entendimento tradicional do papel da escola e suas ações se baseia na preparação para o trabalho, vestibular, faculdade e vida adulta. Essa discussão se reflete, por exemplo, na análise da infância, especialmente no contexto da socialização: "O problema é o termo socialização propriamente dito. Ele tem uma conotação individualista e progressista que é incontornável. Qualquer pessoa que ouça a palavra imediatamente pensa em formação e preparação da criança para o futuro." (CORSARO, p. 31, 2011). Outra discussão relevante sobre o papel da escola gira em torno de sua concorrência com a mídia e a internet como fontes de acesso ao conhecimento. No entanto, essa batalha já foi perdida, uma vez que o conhecimento está amplamente disponível, embora seja fundamental reconhecer o papel da escola em facilitar o acesso ao conhecimento em áreas remotas do país. Na atualidade, a missão da escola reside em desacelerar o tempo.

Ao abordarmos a psicofera escolar, é fundamental recordar que a escola representa um espaço temporal para as ações quando as pessoas estão presentes, uma vez que ninguém reside permanentemente no ambiente escolar. Todos vivem na sociedade contemporânea, na qual as práticas sociais estão cada vez plataformizadas e aceleradas. Isso cria uma especificidade relevante. Retomando a definição de Milton Santos, o espaço

é resultado de uma sociedade muito mais vasta, e essa característica é ainda mais notável na escola, que é ocupada apenas momentaneamente. A psicofera escolar não está ligada apenas à sua tecnosfera interna, mas também, de forma muito significativa, à tecnosfera da sociedade brasileira e global.

Nesse contexto, como lidar com crianças e adolescentes imersos nessa sociedade, cujos comportamentos são impulsionados pela velocidade do tempo lucrativo por meio das plataformas, dentro de uma escola que opera em outro ritmo temporal? Como discutido por Citelli, a escola precisa se conectar com a realidade cotidiana de seus estudantes. No entanto, se ela se adaptar completamente a esse ritmo, poderá sacrificar algo essencial: o espaço necessário para preservar o tempo da reflexividade, crucial para a aprendizagem.

A tarefa da escola não se limita mais, ou ao menos não deveria se limitar, a preparar crianças e adolescentes para o futuro, assegurar o acesso ao conhecimento e/ou mediar o relacionamento entre o sujeito e o conhecimento. Expressado dessa maneira, permanecemos em um discurso do devir.. O cerne da questão é temporal. A escola, ao manter a ritualidade em sua psicofera, ao conservar uma tecnosfera composta por uma variedade de objetos técnicos de diferentes eras, pode garantir o tempo necessário para a reflexividade e enfrentar a pressão do tempo lucrativo. A incorporação da dialogicidade, algo essencial para Freire, não é uma prática a ser abandonada, mas ela não encontrará sentido em uma escola desprovida de ritos.

Ao abordarmos a temática das ritualidades, a plataformização, devido à sua demanda por um fluxo contínuo, tende a reduzir a importância do presente, tornando-o efêmero e imediato, uma vez que rapidamente cede espaço ao próximo momento. Essa dinâmica destrói a capacidade de desenvolver narrativas prolongadas, pois só há espaço para momentos fugazes. Na escola, é crucial que ela permaneça como um espaço de histórias, onde as experiências possam ser narradas, e onde os momentos passados e futuros possam coexistir. A escola não deve se basear em processos meramente aditivos:

A adição é mais transparente do que a narração. Só se pode acelerar um processo que é aditivo, e não um processo que é narrativo. Totalmente transparente é apenas a operação de um processador, porque seu curso é puramente aditivo. Rituais e cerimônias, ao contrário, são processos e acontecimentos narrativos, que se esquivam da aceleração. Seria um sacrilégio querer acelerar uma ação sacrificial, pois rituais e cerimônias têm seu tempo, ritmo e cadência específicos. A sociedade da transparência elimina todos os rituais e cerimônias, visto que esses não

podem ser operacionalizados, pois são impeditivos e atrapalham a aceleração da circulação da informação, da comunicação e da produção. (HAN, 2018, p.70).

Finalmente, como introduzido no início, a escola pode igualmente representar o tempo da localidade e da diversidade. As considerações feitas sobre o espaço evidenciam como cada localidade confere novos significados aos objetos técnicos que são introduzidos verticalmente, ou seja, ocorre entre os indivíduos uma horizontalidade na ação (SANTOS, 2006) que se manifesta na localidade.

A escola não é uma entidade isolada. Se em um passado anterior, principalmente com base em parâmetros de classe, poderíamos afirmar que determinadas escolas, em certos bairros ou configurações (sejam privadas ou públicas), eram bolhas, hoje nos deparamos com realidades distintas. De fato, não podemos mais considerá-las bolhas no sentido tradicional, já que os movimentos sociais se assemelham mais a enxames (HAN, 2018), sendo, portanto, instáveis e passageiros.

Dentro da escola, crianças e adolescentes com variados interesses convivem e refletem sobre essa convivência. Eles não podem escolher quem será parte de sua turma, quem serão seus professores. Não têm o recurso de "Deixar de seguir" ou "bloquear" alguém da turma, ou de simplesmente "fechar a aba" da sala de aula, como se faz virtualmente. Os desequilíbrios, conflitos e ressentimentos, possíveis através de rituais compartilhados, fazem parte e são necessários para o diálogo e aprendizagem, dependentes da diversidade e da diferença de saberes. Contudo, a plataformização faz com que a “comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual” (HAN, 2017, p. 11), então reafirmamos que a manipulação do terceiro é exatamente para acabar com o rito, o diálogo, o tempo para reflexividade.

Dessa maneira, conscientemente ou não, a escola passa a ser, cada vez mais, um dos últimos bastiões a resistir, preservando o tempo necessário para a reflexão de crianças e adolescentes, por meio de seus rituais.

## Referências

BACCEGA, M. A. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. In: CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina (orgs.). Educomunicação, construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Ed. Paulinas, 1ª edição. 2011

CITELLI, A. O. **Comunicação e educação: convergências educacionais**. São Paulo: Comunicação Mídia e Consumo, [S. l.], v. 7, n. 19, p. 67–85, 2010

CITELLI, A. O. **Tecnocultura e educomunicação**. Santa Cruz do Sul: Rizoma, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2015.

CITELLI, A. O. **Comunicação e educação: o problema da aceleração temporal**. In: Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação / Eliana Nagamini, organizadora. – Ilhéus, BA: Editus, 2016a

CITELLI, A. O. **Educomunicação: temporalidades e sujeitos**. Anais. São Paulo: Intercom, 2016b

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011

COULDRY, N; MEHIAS, U. A. **Partnership on AI. Data Colonialism and Everyday Data Extraction - Nick Couldry & Ulises A. Mejias**. Publicado em: 5 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cmbbnEOMhTU>. Acesso em 10 de ago de 2022

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

HAN, B. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017

HAN, B. **No Exame: perspectivas do digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

LANIER, J. **How we need to remake the internet**. Palestra proferida no TED, 2018. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/jaron\\_lanier\\_how\\_we\\_need\\_to\\_remake\\_the\\_internet](https://www.ted.com/talks/jaron_lanier_how_we_need_to_remake_the_internet). Acesso em 12 de dezembro de 2022

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 11 ed. São Paulo: Loyola, 2011

MEDIAÇÕES EDUCOMUNICATIVAS ECA-USP (MECOM). **Ensino remoto emergencial e transições associadas** [recurso eletrônico]. Coordenação Adilson Citelli. São Paulo: ECA-USP, 2023. ISBN 978-65-88640-88-3. Disponível em: <https://mecom.eca.usp.br/2023.html>

NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE. **How People Learn II: Learners, Contexts, and Cultures**. Washington, DC: The National Academies Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17226/24783>.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR(NIC.BR). **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil, ano 2022**.

São Paulo: NIC.BR, 2022. Disponível em: <http://cetic.br/pt/arquivos/kidsonline/2022/criancas>. Acesso em 10 de maio de 2023

OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1ª edição. 2014.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 2021.

SAAD CORRÊA, E. **Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação**. In: Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015: Comunicação, cultura e mídias sociais / Richard Romancini, Maria Immacolata Vassallo de Lopes (organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2015.

SAAD CORRÊA, E. **A plataformização das relações sociais: reflexões sobre a resignificação da atividade comunicativa**. In: Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas [recurso eletrônico] / organização, Luiz Alberto de Farias, Else Lemos e Cláudia Nociolini Rebechi. – 1. ed. – São Paulo: Abrapcorp, 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos teóricos e metodológico da geografia**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WALL, M. **The Platform Society: public values in a connective world**. Londres: Oxford Press, 2018.